

**Museus, museologia e diversidade: uma reflexão sobre gênero sob a perspectiva social da Ciência da Informação**

***Museums, museology and diversity: a reflection on gender from the social perspective of Information Science***

***Museos, Museología y diversidad: una reflexión sobre el género desde la perspectiva social de la Ciencia de la Información***

***Musées, muséologie et diversité : une réflexion sur le genre dans la perspective sociale des sciences de l'information***

**Fernanda VALLE <sup>1</sup>**  
**Sofia JORDÃO <sup>2</sup>**  
**Yara SALES <sup>3</sup>**

*Correspondência*

Autor para correspondência: Fernanda Valle  
Endereço completo: Av. Pasteur, 458, Urca, Rio de Janeiro/RJ. CEP: 22290-240  
E-mail: fernandavalle@unirio.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4156-027X>



Submetido em: 14/09/2025

Aceito em: 04/12/2025

Publicado em: 30/12/2025

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Informação (PPGCI IBICT UFRJ). Professora na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

<sup>2</sup> Bacharela em Design pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e graduanda em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

<sup>3</sup> Tecnóloga em Hotelaria pela Faculdade de Tecnologia Senac Rio e graduanda em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

## RESUMO

Este estudo discute as relações de gênero na Museologia à luz da memória documental por meio da contextualização histórica da participação feminina na formação, atuação e gestão em museus no Brasil. A partir desse contexto, discorre sobre a presença de mulheres na presidência de comitês vinculados ao Conselho Internacional de Museus, instituição de relevo global com manifesta influência na museologia brasileira. Com base na Ciência da Informação, articula as noções de documento, institucionalidade e poder a partir de Bernd Frohmann. Com aportes dos estudos coloniais de gênero, especialmente em María Lugones e Oyèrónkẹ Oyěwùmí, e do conceito de poder simbólico, de Pierre Bourdieu, caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, aplicada, de procedimento documental e abordagem quanti-qualitativa. Orientada aos desafios éticos, políticos e epistemológicos oriundos da colonialidade que incidem na práxis informacional, mobiliza dois contextos de análise: a) o perfil da presidência dos comitês internacionais do Conselho Internacional de Museus e b) a gestão da informação nos respectivos sítios oficiais, a fim de operacionalizar os conceitos mencionados. O campo empírico foi composto por 35 comitês, dos quais 22 apresentam o histórico completo de gestão desde a criação institucional. Os dados obtidos apontam para um histórico de maior presença masculina no conselho e paridade de gênero gradual a partir dos anos de 1990. Quanto à memória documental, apresenta lacunas importantes para a reconstrução e publicização da presença feminina na Museologia.

**Palavras-chave:** gestão da informação; museologia; memória.

## ABSTRACT

This study discusses gender relations in museology in light of documentary memory through the historical contextualization of women's participation in the processes of training, practice, and management in museums in Brazil. Within this context, it analyzes the presence of women in the chairmanship of committees linked to the International Council of Museums, an institution of global importance with a clear influence on Brazilian museology. Based on Information Science, it articulates the notions of document, institutionality, and power from Bernd Frohmann. With contributions from colonial gender studies, especially María Lugones and Oyèrónkẹ Oyěwùmí, and Pierre Bourdieu's concept of symbolic power, it is characterized as descriptive, applied research, with a documentary procedure and a quantitative-qualitative approach.

Focusing on the ethical, political, and epistemological challenges arising from coloniality that affect informational praxis, it mobilizes two contexts of analysis: a) the profile of the presidency of the international committees of the International Council of Museums and b) information management on the respective official websites, in order to operationalize the aforementioned concepts. The empirical field consisted of 35 committees, 22 of which have a complete management history since the institution's creation. The data obtained point to a history of greater male presence and gradual gender parity since the 1990s. As for the documentary memory, there are important gaps in the reconstruction and publicizing of the female presence in Museology.

**Keywords:** information management; museology; memory.

## RESUMEN

Este estudio analiza las relaciones de género en la museología a la luz de la memoria documental mediante la contextualización histórica de la participación femenina en los procesos de formación, actuación y gestión en los museos de Brasil. A partir de este marco, se analiza la presencia de mujeres en la presidencia de comités vinculados al Consejo Internacional de Museos, una institución de importancia mundial con una clara influencia en la museología brasileña. Basándose en la Ciencia de la Información, articula las nociones de documento, institucionalidad y poder de Bernd Frohmann. Con aportaciones de los estudios coloniales de género, especialmente de María Lugones y Oyèrónkẹ Oyěwùmí, y el concepto de poder simbólico de Pierre Bourdieu, se caracteriza por ser una investigación descriptiva y aplicada, con un procedimiento documental y un enfoque cuantitativo-cualitativo. Centrándose en los desafíos éticos, políticos y epistemológicos derivados de la colonialidad que afectan a la praxis informacional, moviliza dos contextos de análisis: a) el perfil de la presidencia de los comités internacionales del Consejo Internacional de Museos y b) la gestión de la información en los respectivos sitios web oficiales, con el fin de operacionalizar los conceptos mencionados. El campo empírico estuvo compuesto por 35 comités, 22 de los cuales cuentan con un historial completo de gestión desde la creación de la institución. Los datos obtenidos apuntan a un historial de mayor presencia masculina y a una paridad de género gradual desde la década de 1990. En cuanto a la memoria documental, existen importantes lagunas en la reconstrucción y divulgación de la presencia femenina en la museología.

**Palabras clave:** gestión de la información; museologia; memoria.

## RÉSUMÉ

Cette étude examine les relations de genre dans le domaine de la muséologie à la lumière de la mémoire documentaire, en contextualisant historiquement la participation des femmes dans les processus de formation, d'action et de gestion au sein des musées au Brésil. À partir de ce cadre, elle analyse plus précisément la présence des femmes à la présidence des comités liés au Conseil International des Musées, une institution d'importance mondiale qui exerce une influence manifeste sur la muséologie brésilienne. S'appuyant sur les Sciences de l'Information, elle articule les notions de document, d'institutionnalité et de pouvoir développées par Bernd Frohmann. Avec des contributions issues des études coloniales sur le genre, notamment celles de María Lugones et Oyèrónkẹ Oyěwùmí, et le concept de pouvoir symbolique de Pierre Bourdieu, elle se caractérise comme une recherche descriptive et appliquée, avec une procédure documentaire et une approche quantitative-qualitative. En se concentrant sur les défis éthiques, politiques et épistémologiques découlant de la colonialité qui affectent la pratique informationnelle, elle mobilise deux contextes d'analyse: a) le profil de la présidence des comités internationaux du Conseil International des Musées et b) la gestion de l'information sur les sites web officiels respectifs, afin d'opérationnaliser les concepts susmentionnés. Le champ empirique comprenait 35 comités, dont 22 ont un historique complet de gestion depuis la création de l'institution. Les données obtenues indiquent une présence masculine plus importante et une parité progressive entre les genres depuis les années 1990. En ce qui concerne la mémoire documentaire, il existe des lacunes importantes dans la reconstruction et la diffusion de la présence féminine en muséologie.

**Mots-clés:** gestion d'information; muséologie; mémoire.

## 1 INTRODUÇÃO

A igualdade de gênero integra o Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável número 5 (ODS-5) da Agenda 2030 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015), bem como é

tema, há 30 anos, da Declaração de Pequim, assinada por 189 países motivados a reduzir as assimetrias sociais, mobilizar estratégias e ações para paridade de gênero, reduzir a violência de gênero e fomentar a capacitação e oportunidades para mulheres exercerem função de liderança em instituições e no mercado de trabalho<sup>4</sup>.

Apesar dos marcos globais e da crescente presença feminina em lugares de poder e decisão, Audebert, Wichers e Queiroz (2019) ressaltam que a produção acadêmica sobre gênero na Museologia brasileira é particularmente escassa, tendo em vista a prevalência de mulheres na área, incluindo números de autoria em pesquisa. As autoras mencionam o trabalho de Allinny Lima, que examinou 1.085 monografias, dissertações e teses publicadas entre 2014 e 2017, localizando somente cinco pesquisas sobre o tema.

Consoante os trabalhos de final de curso, são observadas iniciativas que se atentam às desigualdades profundas que afetam o acesso, a representação e a gestão da memória, conceitos caros à Museologia. A perspectiva sociocrítica dos museus resultou em teorias, debates e iniciativas que lançaram luz às margens pelas quais as instituições de memória foram forjadas: por exemplo, Audebert (2021) mobiliza a epistemologia do campo para discorrer sobre uma Museologia Feminista, de base especialmente latino-americana; Soares e Scheiner (2009) discutem a emergência dos ecomuseus e museus comunitários em sua dimensão dialética; Macedo (2024) discorre sobre mulheres gestoras de museus em

---

<sup>4</sup> Documento intitulado “Declaração e Plataforma de Ação de Pequim 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher”, de 1995, está disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/declaracao\\_pequim1.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/declaracao_pequim1.pdf). Acesso em: 20 nov. 2025.

Minas Gerais, e Baptista e Boita (2018) convocam à reflexão sobre o lugar da memória de pessoas LGBT<sup>5</sup>. Tal movimento pode igualmente ser observado na criação de espaços de diálogo formalizados em instituições que desenvolvem pesquisa científica e/ou respaldam as políticas de informação e memória, como os fóruns advindos na esteira da Agenda 2030, o *International Committee on Museums and Sustainable Development* (SUSTAIN), criado em 2023, e o *International Committee on Ethical Dilemmas* (ICEthics), criado em 2019, vinculados ao *International Council of Museums* (doravante ICOM), e o Comitê Permanente Antirracista do capítulo brasileiro do ICOM.

Portanto, são crescentes os esforços em evidenciar as bases coloniais pelas quais foram forjados os Estados modernos, suas instituições e documentalidade, bem como os desafios éticos, epistemológicos e políticos que atravessam o fazer informacional, memorial e custodial. Nesse contexto, este estudo parte da premissa de que museus não são lugares neutros, mas criam e reforçam mensagens sociais, culturais e políticas, um processo antevisto em sua etimologia.

Conforme destaca Chagas (1999), a palavra museu advém de *museiôn*, o Templo das Musas, filhas de Zeus e de Mnemósine. Assim, para o autor, pela via paterna, museus são, também, lugares de poder. Similarmente, Brulon (2020, p. 3) salienta que museus não se constituem apenas de paredes, mas “[...] seus objetos são investidos de um discurso encenado por certos atores. Suas vitrines são o resultado de escolha de outros”. Sustentamos que essa

---

<sup>5</sup> Adotou-se a sigla LGBT e não a sigla atualizada LGBTQIAPN+ para espelhar a grafia adotada pelas autorias do texto mencionado no parágrafo em questão.

escolha não corresponde apenas ao valor dos objetos a serem musealizados, mas traduz-se na representação de sua forma e conteúdo (quem ou o quê será documentado para, posteriormente, receber valor documental e museal), bem como na estruturação dessas instituições.

Desse modo, a escolha das pessoas gestoras desses espaços e as respectivas políticas de gestão também não são simples escolhas burocráticas ou administrativas, mas, fundamentalmente, políticas. Por política, entende-se a gestão da *pólis* desde Aristóteles (1991, 1998): configurações socioculturais, políticas e econômicas de quem terá acesso a determinado conhecimento e de quem estará autorizado a ocupar determinados espaços. Como exemplo, o *Ministerio da Cultura y Esporte* (2019) da Espanha afirmou que o setor museológico espanhol é similar ao do Reino Unido: a maior força de trabalho é feminina, que apresenta qualificação educacional, em geral com formação maior que a média da população, porém com salários menores.

Recentemente, o *American Alliance of Museums* (2024) apresentou um relatório nacional sobre liderança e revelou que, apesar da paridade atual entre gêneros na direção de museus, mulheres tendem a dirigir museus menores, com receita inferior aos dirigidos por homens. Ao mesmo tempo, museus de reconhecimento internacional, como o Louvre, fundado em 1793, demorou 228 anos para eleger uma mulher como diretora, cargo assumido por Laurence des Cars em 2021. Essas lacunas acompanham o cenário de governança em outras áreas: ano passado, um relatório da *Fia Business School* avaliou respostas de mais de 150 mil funcionários vinculados a 150 empresas premiadas com o reconhecimento de Lugares mais Incríveis para Trabalhar e

verificou que as mulheres representam 43% do quadro funcional, mas estão sub-representadas em cargos de gestão.

Das 150 empresas, 35% implementaram comitês orientados à redução de desigualdades em cargos de liderança. (Mulheres [...], 2024). Por sua vez, de acordo com pesquisa Panorama Mulheres 2025, organizada pelo Instituto Talenses e pelo Núcleo de Estudos de Gênero do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), de 310 empresas selecionadas no Brasil, somente 17,4% são lideradas por mulheres (Panorama [...], 2025). É dessas ausências que partem as inquietações iniciais que nortearam essa proposta investigativa. Nesse contexto, percebeu-se, concordante à análise de Macedo (2024) bem como Audebert, Wichers e Queiroz (2019), escassez de estudos que debatessem ou sistematizassem dados sobre mulheres gestoras de museus ou instituições do campo.

Inicialmente, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: tendo em vista o histórico sociopolítico de exclusão sistemática das mulheres, existe assimetria de gênero em cargos de gestão de museus e instituições relevantes na área museológica? De maneira ampla, pretendia-se à análise do cenário museológico nacional e internacional, triangulando ensino, prática profissional e instituições relacionadas à Museologia, o que englobaria levantamento do histórico de gestão de instituições e de museus brasileiros para verificar a existência de possível assimetria de gênero. Tendo em vista a quantidade significativa de museus e instituições existentes, bem como a disponibilidade atual de dados considerados insuficientemente adequados para responderem ao problema geral

de pesquisa<sup>6</sup>, para esta etapa inicial, buscou-se verificar a questão-problema: tendo em conta a influência política e epistemológica do ICOM, houve participação das mulheres em cargos de liderança desde a sua fundação, em 1946? Desse modo, apresenta-se um recorte do contexto internacional, centrado especificamente no ICOM, organização não-governamental criada e articulada diretamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). O recorte se justifica não somente pela abrangência do período histórico, a saber, 1946-2025, mas pela influência do ICOM na consolidação da área museológica enquanto área científica do conhecimento e, por conseguinte, da museologia brasileira, conforme relembra Carvalho (2022).

Em diálogo com a CI, tendo a Museologia como campo de análise, o estudo é caracterizado como descritivo, aplicado, de procedimento documental e abordagem quanti-qualitativa, apresentando uma reflexão inicial sobre a relação entre documento, institucionalidade e poder, articulados com os estudos de gênero. Aplicado ao campo da Museologia, busca maior compreensão sobre as relações de poder nas instituições museais e/ou que incidem institucional e politicamente sobre os museus, como é o caso do ICOM. Na dimensão teórica, ancora-se no conceito de poder simbólico, na articulação entre gênero e colonialidade e no intercâmbio entre institucionalidade e documento.

Metodologicamente, operacionaliza-se em um levantamento documental nos *sites* oficiais do ICOM e dos comitês internacionais a ele vinculados, realizado entre julho e setembro de 2025. Para a

---

<sup>6</sup> De modo geral os *sites* oficiais consultados não apresentam histórico de gestores, o que exige contato individual com as instituições para verificar a existência documental e potencial consulta.

identificação do histórico de gestão, procedeu-se à busca por seção específica no *site* e, na ausência da seção, foram realizados os seguintes procedimentos: no campo de busca, utilizou-se os termos *board*, *president*, *presidency*, *team* e *management*, isoladamente e combinados com os termos *past* e *previous*.

Na ausência de resultados válidos, realizou-se a leitura exploratória de notícias, atas e documentos de divulgação de eventos em busca dos nomes próprios que compuseram a presidência dos comitês. Não foi estabelecido nenhum tipo de filtro temporal e prosseguiu-se ao idioma original dos *sites*, a saber, inglês e português. O critério de inclusão adotado foi o da institucionalidade, ou seja, a informação deveria constar, obrigatoriamente, nos portais oficiais do ICOM, pois a disponibilidade do dado e, conseqüentemente, do documento, integra a avaliação qualitativa e operacionalização teórica acerca da documentalidade, institucionalidade e poder simbólico. Nessa direção, o metadado gênero refletido ao longo da história do ICOM na Museologia foi discutido à luz da institucionalidade, eixo para consolidação das relações de poder, à luz da abordagem social e pública da informação de Frohmann (2006). Adicionalmente, a análise documental foi guiada por uma abordagem articulada com outros eixos de opressão potencial, como território de atuação ou nacionalidade, na constituição das práticas museológicas e informacionais.

Para fins contextuais e de debate, a pesquisa mobiliza um cotejamento de dados obtidos nos sítios oficiais do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), do Conselho Federal de Museologia (COFEM) e em pesquisas de interesse, como a realizada pelo

Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS), vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Da perspectiva estrutural e argumentativa, excetuando-se a introdução e as considerações finais, a segunda seção se dedica ao diálogo teórico entre áreas do conhecimento para situar os museus como campos materiais, institucionais e informacionais em disputa, e a terceira seção apresenta e discute os dados obtidos pelo levantamento documental.

## **2 AS MUSAS QUE DÃO FORMA AO QUE SABEMOS E LEMBRAMOS**

A ênfase na categoria analítica gênero justifica-se pelo tempo histórico: a popularização dos museus e das bibliotecas foi um instrumento das políticas de informação e de conhecimento da Modernidade, quando se deu a expansão colonialista que, segundo Lugones (2020) e Oyěwùmí (2020, 2021), demarcou a noção de raça e, com ela, a de gênero. A diferença dos corpos deixou de significar, nos territórios colonizados, uma diferença anatômica para fortalecer a classificação dos seres como ferramenta do capitalismo eurocêntrico e colonial e, ao mesmo tempo, desumanizar o outro (Lugones, 2020). Ao revisitar a organização social das sociedades pré-colombianas e iorubá, Lugones e Oyěwùmí demonstram que a noção de gênero tal qual conhecemos no tempo presente, um princípio ordenador, classificatório e hierárquico aplicado à diferença dos corpos, foi uma imposição Moderna com extenso lastro de violência, que serviu - e ainda serve - à chamada colonialidade de poder. Nesse contexto, bibliotecas e museus são importantes instrumentos de preservação e difusão da memória de

uma sociedade, mas estão imbuídos da herança colonial (Menezes, 2023), cuja desconstrução está em disputa. A categoria gênero pode ser interpretada a partir de diferentes perspectivas: presença e representação em acervos, nos modos de representação social e documentária, bem como das ocupações, isto é, das funções atribuídas ao feminino nas instituições de memória, um conjunto físico, material e simbólico de concentração e, portanto, assimetria, de poder. As ocupações e a divisão do trabalho, como destaca Bourdieu (2003), são também propriedades sociais transformadas em propriedades naturais por meio de sistemas ideológicos (dentre outros) de classificação e documentação, um conjunto atravessado e constituído de informação.

Popularizado o sentido latino de “dar a forma” (Capurro; Hjørland, 2007), o conceito de informação resguarda também o da privação da forma (*informis*), que Menezes (2017) discutirá sobre o que é deixado à margem a partir da linguagem, dos conceitos, da classificação, dos documentos. No caso deste estudo, a forma oficial, organizada e publicizada, e privação da forma documental (e também ontológica, epistêmica e política) da mulher como gestora e partícipe da memória institucional do ICOM. Em síntese, a classificação como instrumento do poder simbólico bourdieusiano a partir das tramas do enunciar sobre o conceito de homem e de mulher: [...] o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e de fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo” (Bourdieu, 2003, p. 14).

Ao focalizar a informação documentada sobre processos e redes de institucionalização em Museologia pelas lentes teóricas da CI, abre-se a possibilidade de vislumbrar, a partir da documentação registrada na *web*, as escolhas feitas pelos atores sociais no

contexto da liderança da profissão e como as relações de poder na Museologia, enquanto campo amplo do saber, pode se manifestar via documentação. A documentação, portanto, passa a ser o meio físico, material e da informação, em seu caráter público, social e político, de acordo com Frohmann (2006).

A materialidade da informação, para Frohmann (2006), reflete a materialidade dos enunciados. Estes, por sua vez, podem ser analisados pela imersão institucional. Segundo o autor, “as rotinas institucionalizadas estabelecem e mantêm as relações entre enunciados, dando a eles peso, massa, inércia e resistência” (Frohmann, 2006, p. 23). Partindo do pressuposto de que museus e sua respectiva institucionalidade refletem as estruturas sociais em que estão inseridos, é necessário olhar para os papéis desempenhados pelos indivíduos que os constroem e mantêm seu funcionamento.

No esforço de analisar esse cenário, é preciso retornar no tempo para compreender o histórico que resultou no campo museológico contemporâneo. Até o início do século XIX, os museus eram considerados locais de acesso restrito para mulheres e pessoas de classes menos abastadas. Esses espaços eram frequentados por homens considerados sábios, aristocratas, nobres e artistas. Apenas após a revolução francesa iniciou-se um movimento gradual de abertura desses espaços ao público, que, conforme Brulon (2019, p. 10), designavam “horários especiais para a visita da classe trabalhadora e das mulheres de classe alta, separadamente da visita dos homens cultos da elite”.

Com a chegada do século XX, os museus começam a ser compreendidos como ferramenta pedagógica do conhecimento (Brulon, 2019, p. 12), uma visão iluminista compartilhada pela

Documentação e pela Biblioteconomia sobre o livro, expoente da noção de conhecimento, no mesmo tempo histórico. Simultaneamente, após a Primeira Guerra Mundial, iniciou-se um movimento de abertura do mercado de trabalho para mulheres da classe, embora estas em sua totalidade nunca tenham atuado somente em âmbito privado, como foi o caso de mulheres negras e pobres, lembrado por Davis (2018).

No contexto brasileiro, ponto de partida de nossas reflexões é o ano de 1932, quando foi criado o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), o primeiro curso em Museologia do Brasil, durante o período de gestão de Rodolfo Augusto de Amorim Garcia. A notícia da inauguração foi publicada pelo jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, na edição de 03 de maio<sup>7</sup>. Na foto que ilustra a reportagem, nota-se presença feminina a frequentar o curso. Brulon (2019, p. 12) afirma que as mulheres se tornaram a principal clientela dos cursos de formação para profissionais de museus, “fosse pelo tipo de qualificação pouco específica, fosse pelo desinteresse dos homens por esses cargos técnicos, ou, ainda, pela vocação pedagógica atribuída a elas”, que, segundo o autor, reflete um pensamento herdado do imaginário iluminista. É possível encontrar registros numéricos dessa preferência feminina pelo curso por meio do histórico de matrícula, entre 1930 e 1940, do Conselho Regional de Museologia 2ª Região (COREM 2R):

---

<sup>7</sup>A notícia encontra-se em acesso aberto na Hemeroteca da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/221961\\_01/10878](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/221961_01/10878). Acesso em: 20 nov. 2025.

**Quadro 1** - Distribuição de gênero entre os graduados em Museologia na UNIRIO - antigo Curso de Museus do MHN (1937-1943)

| Ano  | Mulheres matriculadas | Homens matriculados | Total de matrículas |
|------|-----------------------|---------------------|---------------------|
| 1937 | 4                     | 9                   | 13                  |
| 1938 | 6                     | 22                  | 28                  |
| 1939 | 18                    | 11                  | 29                  |
| 1940 | 51                    | 18                  | 69                  |
| 1941 | 63                    | 15                  | 78                  |
| 1942 | 52                    | 15                  | 67                  |
| 1943 | 45                    | 16                  | 61                  |

**Fonte:** elaborado pelas autoras a partir de dados do *site* oficial do COREM-2R

Segundo Siqueira (2009), entre 1932 e 1975, havia 1.762 alunos e ouvintes matriculados no curso, sendo 1.214 mulheres, ou seja, cerca de 68% do público. Apesar da predominância feminina, inicialmente, os homens foram colocados no papel de tutores dessas mulheres, não só como professores do curso, como no mercado de trabalho - um reflexo de como as profissionais do gênero feminino seriam absorvidas predominantemente como coadjuvantes, não possíveis líderes. De acordo com Brulon (2019, p. 3), a relação de tutela masculina marcava as relações de poder aplicadas ao gênero, “[...] numa época em que ‘o técnico em museus’ não era visto como um/uma cientista ou curador, mas como um/uma assistente ou auxiliar nas funções do museu”. Nas décadas seguintes, é possível perceber que se manteve o padrão de maioria das discentes do gênero feminino.

**Figura 1** - Formatura das alunas e alunos do Curso de Museus em 1943

**Fonte:** Coleção Núcleo de Memória da Museologia no Brasil –  
NUMMUS/UNIRIO

A partir da galeria de fotos organizada pelo NUMMUS, verificou-se uma mudança no quadro geral de docentes quando os alunos das primeiras turmas assumiram o cargo docente (Brulon, 2019), apontando para um gradual rompimento das barreiras impostas na ocupação desses cargos, especialmente a partir dos anos de 1970. Entretanto, esse avanço não se refletiu de forma tão expressiva, ou, pelo menos, não com a mesma velocidade, em outras posições de poder. Para Brulon (2019), da perspectiva técnica e formativa, as mulheres estavam aptas a disputar os cargos, mas ainda encontravam barreiras simbólicas para assumi-los.

Audebert, Wichers e Queiroz (2019) relembram que as conquistas sociais, políticas e culturais das mulheres vieram na esteira dos movimentos feministas e de resistência do século XX (incluindo a adoção do termo gênero), o que explica maior preocupação institucional sobre as desigualdades de gênero a partir

desse período. Similarmente, demonstra a imbricação entre política e divisão do trabalho, muito além da capacidade técnica individual ou qualquer discurso meritocrático.

Em 2025, a presença feminina na Museologia brasileira se mantém majoritária, conforme dados atuais do COFEM, que abrange cinco conselhos regionais: dos 1.724 museólogos registrados no País, mais de 1.300 apresentam nomes próprios socialmente aplicados ao gênero feminino, o que corresponde a aproximadamente 76% dos registros. O quantitativo geral de mulheres museólogas pode influenciar na interpretação quanto às relações de gênero em gestão. Por exemplo, das 18 instituições de ensino superior que oferecem cursos de graduação em Museologia certificadas pelo Ministério da Educação, excetuando-se uma que não dispõe da informação pública sobre a composição da gestão do curso e outra instituição cujo sítio estava fora do ar no período da consulta, 12 dos 19 cursos de Museologia identificados possuem docentes mulheres como coordenadoras, correspondente a aproximadamente 63% dos cargos de direção no ensino superior. Porém, sem conhecer o histórico dos cursos, não é possível inferir se houve uma tradição misógina nesse tipo de função, ou mesmo questionar se a misoginia estaria somente ligada ao cargo, uma vez que, conforme visto com Brulon (2019), o poder se estabelece de diferentes maneiras.

No que diz respeito à categoria gestão de museus, dos 27 museus vinculados ao IBRAM, órgão criado em 2009, 15 possuem mulheres como diretoras no tempo presente, o que equivale a aproximadamente 56% de lideranças do gênero feminino. Esse número, comparado à porcentagem do COFEM, reflete a disparidade quando se trata da relação entre a formação na

profissão comparada ao alcance dos altos cargos na gestão dos espaços museais.

O mesmo sucede ao observarmos a cadeira de presidência do IBRAM, no qual a primeira e única mulher nomeada desde sua criação é a atual presidente. Vale destacar que a ausência de dados estruturados nacionalmente sobre mulheres museólogas gestoras dificulta, neste momento, o entendimento do quadro geral da Museologia brasileira sob a ótica da administração da área.

A relevante publicação intitulada *Museus em Números*, do IBRAM (2011), discute dados dos museus nacionais em diferentes segmentos, mas não especifica a categoria gênero na seção dedicada ao assunto gestão, o que nos conduz à teoria documentalista de Meyriat (1981): os dados serão organizados e o registro será validado como documento partir de uma intencionalidade, uso e funcionalidade. Assim, verificar a disparidade de gênero em cargos de gestão na Museologia pressupõe, antes, uma intenção de olhar para essa realidade e, assim, documentá-la. Eis os passos iniciais deste estudo.

A próxima seção focalizará o contexto internacional, com dados do ICOM à luz do histórico de presidência dos comitês a ele vinculados.

### **3 O TEMPLO DAS MUSAS É LEGISLADO POR HOMENS: ANÁLISE DOS COMITÊS INTERNACIONAIS DO ICOM**

Apesar de museus já existirem em diversas partes do mundo, foi apenas no final do século XIX que o debate sobre a internacionalização e cooperação das instituições museais começou a ganhar força. Já existiam nesse período, conselhos nacionais de

museus, entretanto Baghli, Boylan e Herreman (1998) mencionam a criação de alguns grupos internacionais na Europa e América do Norte, como *The Museums Association* (1906) e, mais tarde, o *International Museums Office*, criado na década de 1920, os quais previam um movimento que, logo após a Segunda Guerra Mundial, foi institucionalizado pela UNESCO no formato do ICOM (Baghli, Boylan, Herreman, 1998, p. 7).

Ao final da guerra, o presidente do *Buffalo Museum of Science* e membro da *American Association of Museums*, Chauncey J. Hamlin, aproveitou a realização da primeira conferência geral da UNESCO em Paris para, em novembro de 1946, no Museu do Louvre, dar início à Assembleia Constituinte para formação do ICOM, cujo objetivo seria a cooperação museológica internacional. Com a expansão da Museologia e da revisão de práticas ao longo do século XX, o Comitê Internacional, inicialmente formado por 14 países — entre eles o Brasil — hoje, conta com 40.000 membros, provenientes de 141 países. Na década de 1970, aumentou-se o incentivo à participação plural envolvendo comitês nacionais de países do Sul global. Nos anos 1990, as pautas sobre colonialismo e objetos museais adquiridos através de saqueamento dos antigos países colonizados cresceram dentro do ICOM e novas formas de museologia começam a ser debatidas. Apesar de ter sido fundado em 1946, a primeira vez que uma mulher foi eleita para ocupar a presidência do ICOM foi em 2004, e, após ela, outras duas mulheres foram eleitas, como pode ser visto no Quadro 2.

**Quadro 2** - Composição da Presidência do ICOM (1946–Presente)

| Período       | Território     | Gênero    |
|---------------|----------------|-----------|
| 1946–1953     | Estados Unidos | Masculino |
| 1953–1959     | França         | Masculino |
| 1959–1965     | Reino Unido    | Masculino |
| 1965–1971     | Holanda        | Masculino |
| 1971–1977     | Checoslováquia | Masculino |
| 1977–1983     | França         | Masculino |
| 1983–1989     | Reino Unido    | Masculino |
| 1989–1992     | Mali           | Masculino |
| 1992–1998     | Índia          | Masculino |
| 1998–2004     | França         | Masculino |
| 2004–2010     | Barbados       | Feminino  |
| 2010–2016     | Alemanha       | Masculino |
| 2016–2020     | Turquia        | Feminino  |
| 2020–2022     | Itália         | Masculino |
| 2022–Presente | Itália         | Feminino  |

**Fonte:** elaborado pelas autorias com base em dados do ICOM

Além da disparidade de gênero, observa-se mais uma vez o recorte colonial: de 11 países de vinculação dos presidentes elencados, seis são europeus, ademais dos Estados Unidos, considerado eixo assimétrico de poder, pertencente ao Norte global, e apenas no final da década de 1980, um presidente fora desse eixo foi eleito.

Com foco no metadado gênero, o campo empírico deste estudo foi delineado por 35 comitês internacionais listados pelo ICOM, a saber: *International Committee for Museums and Collections of Costume, Fashion and Textiles* (COSTUME), *International Committee for Architecture and Museum Techniques* (ICAMT), *International Committee for Collecting* (COMCOL), *International Committee for Communications, Marketing, and Audience Engagement* (COMMS), *International Committee for Conservation* (CONSERVATION), *International Committee for Audiovisual, New Technologies and Social Media* (AVICOM),

*International Committee for the Collections and Activities of Museums Of Cities (CAMOC), International Committee for Education and Cultural Action (CECA), International Committee for Documentation (CIDOC), International Committee of Museums and Collections of Instruments and Music (CIMCIM), International Committee for Egyptology (CIPEG), International Committee for Exhibition Exchange (EXHIBITION), International Committee for Historic House Museums (DEMHIST), International Committee for Literary and Composers' Museums (ICLCM), International Committee for Marketing and Public Relations (MPR), International Committee for Money and Banking Museums (ICOMON), International Committee for Museology (ICOFOM), International Committee for Museum Management (INTERCOM), International Committee for Museum Security (SECURITY), International Committee for Museums and Collections of Archaeology and History (ICMAH), International Committee for Museums and Collections of Arms and Military History (ICOMAM), International Committee for Museums and Collections of Decorative Arts and Design (ICDAD), International Committee for Museums and Collections of Decorative Arts and Design (DESIGN), International Committee for Museums and Collections of Ethnography (ICME), International Committee for Museums and Collections of Fine Arts (ICFA), International Committee for Museums and Collections of Glass (GLASS), International Committee for Museums and Collections of Natural History (NATHIST), International Committee for Museums and Collections of Science and Technology (CIMUSET), International Committee for Regional Museums (ICR), International Committee for Social Museology (SOMUS), International Committee for the Training of Personnel (ICTOP), International Committee of Memorial*

*and Human Rights Museums (ICMEMOHRI), International Committee for University Museums and Collections (UMAC), International Committee on Collections in Storage (STORAGE), International Committee on Disaster Resilient Museums (DRMC), International Committee on Ethical Dilemmas (ICETHICS), International Committee on Museums and Sustainable Development (SUSTAIN).*

Destaca-se a inconsistência nos dados oficiais, um indício a ser visto pela CI: no texto do *site* oficial do ICOM, são apontados 35 comitês internacionais, porém há uma lista de 37 comitês na mesma tela. Ao mesmo tempo, no sítio do ICOM Brasil, o número aponta para um total de 34 comitês no texto, entretanto, na lista de *links* para os *sites* de cada um deles, encontram-se 35 endereços eletrônicos. Alguns dos comitês listados também não correspondem ao seu nome atual, considerando mudanças e reestruturações terminológicas no tempo histórico. São eles o ICDAD, atualmente reformulado como DESIGN, e o MRP, que atualmente responde como COMMS. Portanto, consideramos o total de 35 comitês listados nos quadros 3 e 4. Inicialmente, serão comentados apenas os dados do Quadro 3, considerando os comitês cujo histórico foi recuperado na íntegra.

Conforme mencionado na Introdução, para localização e análise dos dados foram realizadas consultas aos portais institucionais do ICOM. Os dados obtidos foram listados em planilhas do *Microsoft Excel* e segmentados nos metadados: nome e sobrenome do ocupante do cargo de presidência (*chair*), território, período de atuação, gênero atribuído. A noção de território abrange local de nascimento e/ou atuação do gestor, uma vez que o ICOM indica o país, mas não oferece detalhes biográficos e fontes

complementares nem sempre indicam informação fiável sobre a nacionalidade das personalidades avaliadas.

Do mesmo modo, o período de atuação no cargo foi extraído de publicações oficiais do ICOM. O gênero dos gestores foi atribuído a partir da interpretação do nome próprio, fotos e publicações (avaliação da redação da perspectiva do uso de artigos e pronomes, por exemplo) identificados nos portais do ICOM.

Para contagem das ocorrências, utilizou-se métrica simples. No contexto dos 35 comitês internacionais identificados, 25 possuem mulheres como presidentes na gestão atual, o que equivale a aproximadamente 71% dos cargos.

No que concerne ao histórico de gestão, dos 35 grupos, foram recuperados dados relativos ao histórico completo de liderança de 22 comitês. Quanto número de gestores contabilizado desde a fundação, ou seja, 1946 e 2025, nesses 22 comitês, foram identificados 167 presidentes no exercício da função. Por sua vez, dos 167 presidentes, 80 (47,9%) são mulheres, 85 (50,9%) são homens e 2 (1,2%) nomes próprios que não foram identificados pelo gênero.

Para facilitar a visualização, o quadro abaixo indica os dados relativos a cada comitê segmentados por década de criação e agrupamento quantitativo por gênero. O princípio de ordenação foi cronológico.

**Quadro 3** - Histórico completo de 22 comitês internacionais vinculados ao ICOM

| <b>Sigla</b> | <b>Década de Criação</b> | <b>Quantidade de presidentes identificados entre o ano da criação do comitê e 2025</b> | <b>Quantidade de presidentes com nomes do gênero feminino</b> | <b>Quantidade de presidentes com nomes do gênero masculino</b> | <b>Quantidade de nomes próprios não identificados por gênero</b> |
|--------------|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| CIMUSET      | 1940                     | 15                                                                                     | 2                                                             | 12                                                             | 1                                                                |
| ICAMT        | 1940                     | 12                                                                                     | 4                                                             | 8                                                              | 0                                                                |
| ICR          | 1950                     | 14                                                                                     | 4                                                             | 9                                                              | 1                                                                |
| COSTUME      | 1960                     | 11                                                                                     | 9                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| CONSERVATION | 1960                     | 14                                                                                     | 8                                                             | 6                                                              | 0                                                                |
| CIMCIM       | 1960                     | 14                                                                                     | 7                                                             | 7                                                              | 0                                                                |
| ICTOP        | 1960                     | 10                                                                                     | 3                                                             | 7                                                              | 0                                                                |
| GLASS        | 1960                     | 11                                                                                     | 4                                                             | 7                                                              | 0                                                                |
| ICOFOM       | 1970                     | 11                                                                                     | 6                                                             | 5                                                              | 0                                                                |
| CIPEG        | 1980                     | 7                                                                                      | 5                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| DEMHIST      | 1990                     | 8                                                                                      | 5                                                             | 3                                                              | 0                                                                |
| AVICOM       | 1990                     | 6                                                                                      | 2                                                             | 4                                                              | 0                                                                |
| ICOMON       | 1990                     | 7                                                                                      | 6                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| UMAC         | 2000                     | 5                                                                                      | 2                                                             | 3                                                              | 0                                                                |
| CAMOC        | 2000                     | 6                                                                                      | 4                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| ICMEMOHRI    | 2000                     | 6                                                                                      | 3                                                             | 3                                                              | 0                                                                |
| ICDAD/DESIGN | 2000                     | 4                                                                                      | 3                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| ICETHICS     | 2010                     | 2                                                                                      | 2                                                             | 0                                                              | 0                                                                |
| DRMC         | 2010                     | 1                                                                                      | 1                                                             | 0                                                              | 0                                                                |
| SOMUS        | 2020                     | 1                                                                                      | 0                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| SUSTAIN      | 2020                     | 1                                                                                      | 0                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| STORAGE      | 2020                     | 1                                                                                      | 0                                                             | 1                                                              | 0                                                                |

**Fonte:** elaborado pelas autorias com base em dados do ICOM

Como o levantamento considerou os períodos de gestão a partir da fundação de cada comitê identificados nos documentos, o quantitativo de presidentes se refere à existência de uma pessoa na função em dado período e a identificação de seu gênero com base no nome próprio e documentos relacionados. Da perspectiva da CI, especialmente da gestão e da arquitetura da informação, o ICOM apresenta fragilidades na organização documental que versam sobre a própria memória institucional em ambiente digital. Considerando que parte dos comitês não disponibilizam, de forma direta, listas do seu histórico de presidência. Por conta disso, parte do levantamento encontra-se incompleto, apresentado no Quadro 4.

**Quadro 4** - Comitês Internacionais vinculados ao ICOM com dados parciais

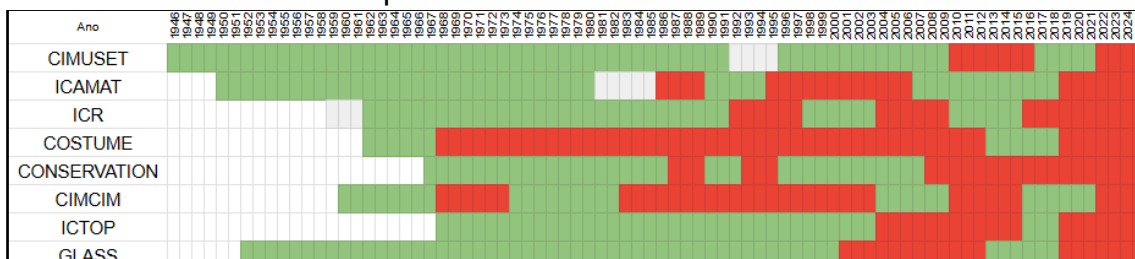
| <b>Sigla</b>  | <b>Década de criação</b> | <b>Década até onde foram encontrados os dados</b> | <b>Quantidade de presidentes identificados parcialmente</b> | <b>Quantidade de presidentes com nomes do gênero feminino</b> | <b>Quantidade de presidentes com nomes do gênero masculino</b> | <b>Quantidade de nomes próprios não identificados por gênero</b> |
|---------------|--------------------------|---------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| ICME          | 1940                     | 1990                                              | 9                                                           | 4                                                             | 5                                                              | 0                                                                |
| CIDOC         | 1950                     | 1980                                              | 7                                                           | 3                                                             | 4                                                              | 0                                                                |
| ICOMAM        | 1950                     | 2020                                              | 1                                                           | 0                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| NATHIST       | 1960                     | 1970                                              | 10                                                          | 4                                                             | 6                                                              | 0                                                                |
| CECA          | 1960                     | 2020                                              | 7                                                           | 7                                                             | 0                                                              | 0                                                                |
| ICLCM         | 1970                     | 2019                                              | 2                                                           | 0                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| SECURITY/ICMS | 1970                     | 2020                                              | 1                                                           | 0                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| ICFA          | 1980                     | 1980                                              | 2                                                           | 1                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| EXHIBITIONS   | 1980                     | 2000                                              | 6                                                           | 4                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| INTERCOM      | 1980                     | 2000                                              | 4                                                           | 2                                                             | 2                                                              | 0                                                                |
| COMMS/MPR     | ?                        | 2010                                              | 2                                                           | 1                                                             | 1                                                              | 0                                                                |
| ICMAH         | ?                        | 2020                                              | 0                                                           | 1                                                             | 0                                                              | 0                                                                |
| COMCOL        | ?                        | ?                                                 | 3                                                           | 3                                                             | 0                                                              | 0                                                                |

**Fonte:** elaborado pelas autorias com base em dados do ICOM

Considerando os dados da atualidade, os números totais apresentam uma divisão por gênero quase equilibrada: dos 35 grupos analisados nos quadros 3 e 4, 16 apresentaram percentual maior de homens na presidência. Em outros 14, é maior o percentual de mulheres, e em outros 5, observa-se empate numérico. Entretanto, partindo de uma perspectiva histórica, esse equilíbrio não foi sempre a norma.

Para melhor visualização de uma linha temporal que atravessasse a existência do ICOM, foram separados os oito comitês com maior tempo de atuação entre os analisados de histórico completo, e estabelecida uma linha do tempo de acordo com o gênero atuante na presidência naquele ano, com os anos de ocupação feminina do cargo em vermelho, e em verde, a ocupação masculina.

**Gráfico 1 - Linha do tempo de 8 Comitês Internacionais vinculados ao ICOM**



**Fonte:** Elaborado pelas autorias com base em dados do ICOM

A partir desse levantamento, foi possível identificar que, apesar de nos dias atuais as cadeiras estarem ocupadas majoritariamente por mulheres, esse papel foi conquistado de forma gradual entre as décadas de 1980 e 1990, consolidando-se na virada do século. Nota-se que a maioria dos grupos do seguinte recorte tem mais homens do que mulheres no seu histórico de

presidência, salvo o COSTUME, Comitê Internacional para os Museus e Coleções de Vestuário, que desde 1968 teve mulheres ocupando o cargo quase continuamente, fato que pode ser compreendido como um possível reflexo do estereótipo do interesse feminino pelo campo da moda.

No que concerne à nacionalidade e/ou país de vinculação, isto é, o metadado território, não foi possível atestar com segurança todos os registros dos nomes próprios (masculinos e femininos), pois nem todo nome estava acompanhado desta informação e as buscas auxiliares em documentos institucionais e secundários na *web* não esclareceram a questão. Assim, optou-se por desconsiderar na contagem. Os dados levantados até o momento do histórico da presidência do ICOM e dos comitês, apontam para 37 países diferentes, dos quais 05 estão nas Américas (Estados Unidos, Canadá, México, Barbados e Brasil) e somente um na África, o Mali.

Sob a perspectiva das relações de poder econômica e política, os dez países com maior número de ocorrências na presidência de comitês, segundo os dados iniciais recuperados, foram: Estados Unidos (29 ocorrências), Reino Unido (21), Países Baixos (16), França (15), Canadá (12), Alemanha (11) Suíça (10), Noruega (9), Itália (9) e Dinamarca (8). Desse modo, é possível inferir, mesmo com dados parciais, que o histórico do ICOM, enquanto instituição, se constituiu no passado e se constitui no presente mais próximo de países considerados pertencentes e/ou alinhados ao Norte global.

De acordo com os dados das organizações e instituições discutidos no presente trabalho, mesmo com notória prevalência de profissionais do gênero feminino, apenas a partir do século XXI é

que, de fato, as mulheres começam a ocupar com regularidade e (quase) equivalência os cargos de presidência desses institutos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de mulheres em cargos de liderança se faz necessária para a construção de maior representatividade e pluralidade na Museologia, mas, fundamentalmente, como gesto de onticidade social frente o poder simbólico instituído que afasta, historicamente, as mulheres dos espaços de poder. Essa realidade não é exclusividade do Brasil, como visto no caso do ICOM.

O presente trabalho é apenas a ponta do *iceberg* que relaciona museus e questões de gênero, um primeiro passo que mostra o potencial de estudos quantitativos e qualitativos que ainda carecem de ser pesquisados mais profundamente. Olhar para esses espaços pode ajudar a entender os desequilíbrios de poder em como o conhecimento é escolhido, organizado e compartilhado.

Ao estudar como a informação circula nessas instituições, podemos compreender melhor como a lógica patriarcal pode influenciar silenciosamente as escolhas dos curadores, o planejamento das exposições, as práticas institucionais, o que é considerado conhecimento válido e qual a pessoa mais adequada à gestão de um museu.

Desdobra-se aqui um olhar para epistemicídio, colonialismo e misoginia para além da representação de seres e saberes em objetos de museus e da Museologia, mas, fundamentalmente, em quem os dirige. Trata-se de injustiça epistêmica e hermenêutica nos termos de Fricker (2007), fruto da subalternização de gênero à luz da documentalidade e da dimensão sociocultural da informação,

uma vez que às mulheres foi negado o espaço de produção de saber institucionalizado, o de liderança, e, por meio dos dados obtidos, o de estar potencialmente representada e documentada.

Este trabalho reúne dados, análises e exemplos históricos, ainda que parciais, para mostrar como padrões de ausência e hierarquia são complexos e envolvem diferentes variáveis, como as análises interseccionais, um desejo de pesquisa. Os resultados demonstram que a variável gênero em âmbito de gestão não tem sido analisada nos documentos internos e em pesquisas no Brasil de maneira satisfatória.

Apesar das lacunas documentais em 13 comitês, limitando a reconstrução do histórico de gestão, considerou-se a análise satisfatória por avaliar cerca de 60% do histórico de presidência do ICOM. Este estudo apresenta, nesse contexto, um novo problema para a Museologia: as fragilidades na preservação da própria memória. Os dados do tempo presente apontam para crescente presença feminina em lideranças e conselhos em instituições museais.

Contudo, o dado deslocado das práticas cotidianas, daquilo que não ganha forma como métrica ou discurso oficial, pode ocultar as fragilidades de alcance e manutenção desses mesmos cargos nas relações simbólicas de poder. Assim, seria prematuro afirmar que a paridade de gênero foi consolidada porque muitos dos cargos atuais, nacional e internacionalmente, estão ocupados por mulheres. Inversamente, a partir dos dados, é possível constatar o histórico patriarcal no ICOM, apesar do protagonismo reconhecido das mulheres na Museologia, mas que não foi considerado suficiente para representação dos cargos de maior prestígio.

Os próximos passos da pesquisa apontam para o necessário levantamento documental das instituições museológicas brasileiras para, por fim, estabelecer um olhar comparativo com o cenário internacional.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN ALLIANCE OF MUSEUMS (AAM). **Museum Board Leadership: A National Report**. Arlington: AAM, 2024.

ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Vega, 1998.norte

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AUDEBERT, A. O que é museologia feminista?. **Revista Memória LGBT**, v. 6, n. 1, p. 16–27, 2021. Disponível em: <https://revista.memoriaslgbt.com/index.php/ojs/article/view/59>. Acesso em: 30 ago. 2025.

AUDEBERT, A.; WICHES, C. A. M.; QUEIROZ, M. Interfaces críticas entre museologia, museus e gênero. *In*. ARAÚJO, B. M.; SEGANTINI, V. C.; MAGALDI, M.; HEITOR, G. K. M. (org.) **Museologia e suas interfaces críticas**: museu, sociedade e patrimônios. Recife: Ed. UFPE, 2019.

BAGHLI, S. A.; BOYLAN, P.; HERREMAN, Y. **History of ICOM (1946-1996)**. Paris: ICOM, 1998.

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Por uma Primavera LGBT nos Museus: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 7, n. 13, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17790>. Acesso em: 10 set. 2025.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRULON, B. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 28, 2020, p. 1-30. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/155323>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRULON, B. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 55, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CARVALHO, L. M. O Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM/ICOM) e a relação de um coletivo internacional com os fundamentos, a disseminação e a consolidação de uma disciplina. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 30, p. 1–37, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/183774>. Acesso em: 7 set. 2025.

CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 13, n. 13, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>. Acesso em: 24 ago. 2025.

DAVIS, A. Y. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo. 2018.

FRICKER, M. **Epistemic Injustice: Power and The Ethics Of Knowing**. New York: Oxford University Press Inc., 2007.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 7., 2006. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/176667>. Acesso em: 8 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: IBRAM, 2011. 240 p. v. 1. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/museus-em-numeros-volume-1.pdf/view>. Acesso em: 11 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: IBRAM, 2011. 720p. v. 2. Disponível em: <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/museus-em-numeros-volume-2a-1-compressed.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*. HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACEDO, L. S. L. **Musas? A trajetória de vida de mulheres gestoras: interseções entre museus, lazer e gênero**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/80488>. Acesso em: 11 set. 2025.

MENEZES, V. S. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: redes coloniais de desencantamento. **Encontros Bibli**, v. 28, Dossiê Especial, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/cWpTVtc5FhBwWp9DzyHHxjN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2025.

MENEZES, V. S. **Rasum tabulae**: um limiar metafórico-escritural dos estudos da informação ou, *Le Livre*. 306 f. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/944>. Acesso em: 11 set. 2025.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. **Schéma et Schématisation**, n. 14, p. 51-63, 1981.

MINISTERIO DE CULTURA Y ESPORTE. **150 años de una profesión: de anticuarios a conservadores**. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, 2019. Disponível em:

<https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2021/01/150-anos-de-una-profesion-de-anticuarios-a-conserbaja-2.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

MULHERES ocupam 38% dos cargos de liderança no Brasil e são mais bem avaliadas pelo time. **Forbes**, Forbes Mulher, 6 mar. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/03/mulheres-ocupam-38-dos-cargos-de-lideranca-no-brasil-e-sao-mais-bem-avaliadas-pelo-time/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

OLIVEIRA, A. C. A. R.; QUEIROZ, M. S. Museologia – Substantivo Feminino: Reflexões sobre Museologia e gênero no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 5. p. 61-77, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/2ffb07d8/b9d4/4cb9/90d1/92576a686113.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**: sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Brasília, DF: Nações Unidas no Brasil, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 nov. 2025.

OYĒWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

OYĒWÙMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PANORAMA Mulheres 2025: apenas 17,4% das empresas brasileiras possuem lideranças femininas. **Insper**, Núcleo de Estudos de Gênero, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/pt/conteudos/politicas-publicas/panorama-mulheres-2025-mostra-a-persistencia-da-desigualdade-de-genero-nas-empresas-brasileiras>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: o perfil acadêmico-profissional. 2009. Dissertação (Mestrado em

Museologia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOARES, B. C. B.; SCHEINER, T. C. M. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/175979>. Acesso em: 10 set. 2025.

VAQUINHAS, I. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **MIDAS**: Museu e Estudos Interdisciplinares [online], Évora, n. 3, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/603>. Acesso em: 12 set. 2025.